

neto, o mais belo e produtivo conjunto do país.

Sob os panfletos que faz esta orientação que assegurou clima de paz e tranquilidade para o trabalho fecundo do amanhã da terra, de garantia invariável ao direito da propriedade e respeito consciente à lei e às decisões da justiça.

Esta foi a obra e o trabalho dos últimos anos de sua existência, terminada inesperadamente, quando dele ainda muito se esperava. Faleceu a 2 de agosto de 1931, com apenas 61 anos de idade, para desolante e tristeza de sua gente e de todos os que o conheciam.

Antônio de Moraes Barros nasceu em Piracicaba a 5 de julho de 1870, filho de Dr. Manoel de Moraes Barros. Foram seus irmãos Ana Maria de Moraes Burchard, senador Paulo de Moraes Barros, Elisa de Moraes Mendes, Jorge de Moraes Barros, Prof. Nicolau de Moraes Barros, Leonor de Moraes Barros, embaixador Pedro de Moraes Barros e Lucia de Moraes Barros, esta última única sobrevivente de toda a irmandade. Foi casado com Dna. Isaura de Almeida Moraes Barros, falecida em 1927. São seus filhos Manoel de Moraes Barros, Maria Moraes Barros Pereira da Queiroz (falecida) e Dna. Isa Moraes Barros Mesquita e os Drs. Francisco Moraes Barros e Hermann Moraes Barros.

Formou-se em Direito pela tradicional Academia do Largo de São Francisco, da Capital de São Paulo, no ano de 1891, com uma turma brilhante e de homens ilustres, notando-se, entre outros, os nomes de Candido Mota, Rafael Sampaio Vidal, Wenceslau Braz, Washington Luiz, Canto e Mello. Iniciou-se desde logo na advocacia, participando do escritório do Dr. Francisco Morato, na sua cidade natal e depois na Capital do Estado, para onde se transferiu no ano de 1903.

Militou na política logo após a formatura, elegendo-se deputado estadual por diversas legislaturas. Fez sempre nos quadros do Partido Republicano Paulista sob a orientação de seu tio Prudente de Moraes e de seu pai, o senador Manoel de Moraes Barros, acompanhando-os nos dois movimentos oposicionistas, denominados dissidências, a primeira sob a chefia de seu tio Prudente de Moraes e a segunda sob a direção de Julio de Mesquita. Em ambos os casos as dissidências combatiam pela pureza dos princípios democráticos na escolha dos candidatos dentro do partido. Os anais do Legislativo Estadual registram a intensa e múltipla atividade de sua passagem, assim como sua participação ardorosa nos debates de natureza política.

Desiludido com os vícios crescentes do Partido Republicano, abandonou a política no ano de 1915, dedicando-se inteiramente à advocacia, onde grangeou renome e consideração, tornando-se alvo do respeito e da estima de seus contemporâneos.

Homem simples e particularmente modesto, conservou essas características durante toda a vida. Trajava-se com displicência e não gostava de roupas novas, usou sempre botões de elástico e jamais abandonou o cigarro de palha que confeccionava, a cada vez, picando o fumo e alisando a palha com o dedo anelar. Os dedos amarelados pelo fumo chamavam a atenção para suas mãos nas posturas dos fumantes autenticamente caipiras. Nunca abandonava aquele hábito, mesmo nas ocasiões protocolares das festas e recepções, quando o rigor da época exigia traje de mais alta cerimônia. Na intimidade da família o tratavam por Nhônô, apelido que se difundiu, principalmente no

nhô, cujo talito era inconfundível, mas pertencentes a viúvas ou pessoas de partes opacadas e que ele aplicava para que pudessem auferir das mesmas melhor renda. Em outra oportunidade relatam que, atendendo a um cliente, vítima de execução cambial, fundada em títulos falsos, lançou-se à defesa, fremente de indignação contra a insidiosa manobra, não hesitando em oferecer à padeira inevitável o imóvel de sua residência, única propriedade que possuía na ocasião. Quando do acerto dos honorários, julgados excessivamente módicos pelo cliente, retrucou com vivacidade: — pois como iria cobrar mais se você já teve tanto prejuízo com aqueles falsários? Em certa campanha política, em Piracicaba, atracou-se em luta corporal com um adversário que recebeu alguns ferimentos. Processado, foi submetido a julgamento pelo Tribunal do Juri local. Na ocasião recebeu manifestação de amigos e correligionários que introduziram no recinto uma confortável poltrona para que nela se sentasse. Repeleu indignado a oferta, exclamando: — excitado, como era de seu feitio, que se sentaria no banco dos réus como acontecia com todos os outros. Releia notar que nessa ocasião era deputado, tendo exigido de seus pares a licença para que pudesse ser processado. Decorridos muitos anos destes fatos, encontrou-se com um jovem de seus 15 a 16 anos que lhe trazia do cartório uma escritura para assinar; perguntou-lhe como se chamava. Pela resposta verificou que o jovem era filho daquele seu adversário de outras épocas e compreendeu o explicável acanhamento do rapaz. Imediatamente, em tom afetoso, exclamou: "Você sabe que tive uma briga com seu Pai. Pois fique sabendo que o foi por questões políticas mas que sempre o considerei um homem de bem e que naquela ocasião se portou com grande valentia. Você só tem motivos para se orgulhar dele". Assim era o seu temperamento, impetuoso mas justo. Não guardava rancor e não tinha hesitação em voltar atrás quando se convenciera de que a razão estava com o outro lado.

Era muito loquaz e apreciado contador de casos em que punha inimitável verve caipira, deliciando os que o ouviam. Nas discussões e nos debates era acalorado e como não existiam amplificadores, sua voz se sobressaía na hora dos apartes e do vozorio, valendo-lhe o apelido de "Nhônô Trovoada", que aceitava com bonomia. Certa feita, quando realizava conferência política em cidade das vizinhanças, as primeiras frases, gritou um assistente do fundo do teatro: "Ai Nhônô Trovoada!" Voltou-se para a mesa dirigente dos trabalhos e, com a mão sobre a boca, disse baixinho: "Este danado pé de Piracicaba!" imediatamente estourou estrondosa gargalhada da assistência, pois o "segrêdo" fora ouvido até a última fila.

Era contêmpneo e admirador do famoso desbravador de sertões major Tonico Barbosa Ferraz, que deixara Piracicaba para abrir fazenda nos sertões do Oeste, Ribesão Preto. Anos depois deixava aquela zona e vinha abrir a conhecida fazenda Agua do Bugre, próxima de Cambará, organizando a Cia. Agrícola Barbosa Ferraz, onde plantou um milhão de cafeeiros que flegam famosos na história da cafeicultura paranaense. Ali esteve Antonio de Moraes Barros por diversas vezes, cagando macucos e queixadas na famosa cova da fazenda, em local por onde passa hoje a Rodovia Melo Paixoto. Data dessa época seu entusiasmo pela terra roxa do Paraná, cujas qualidades nun-

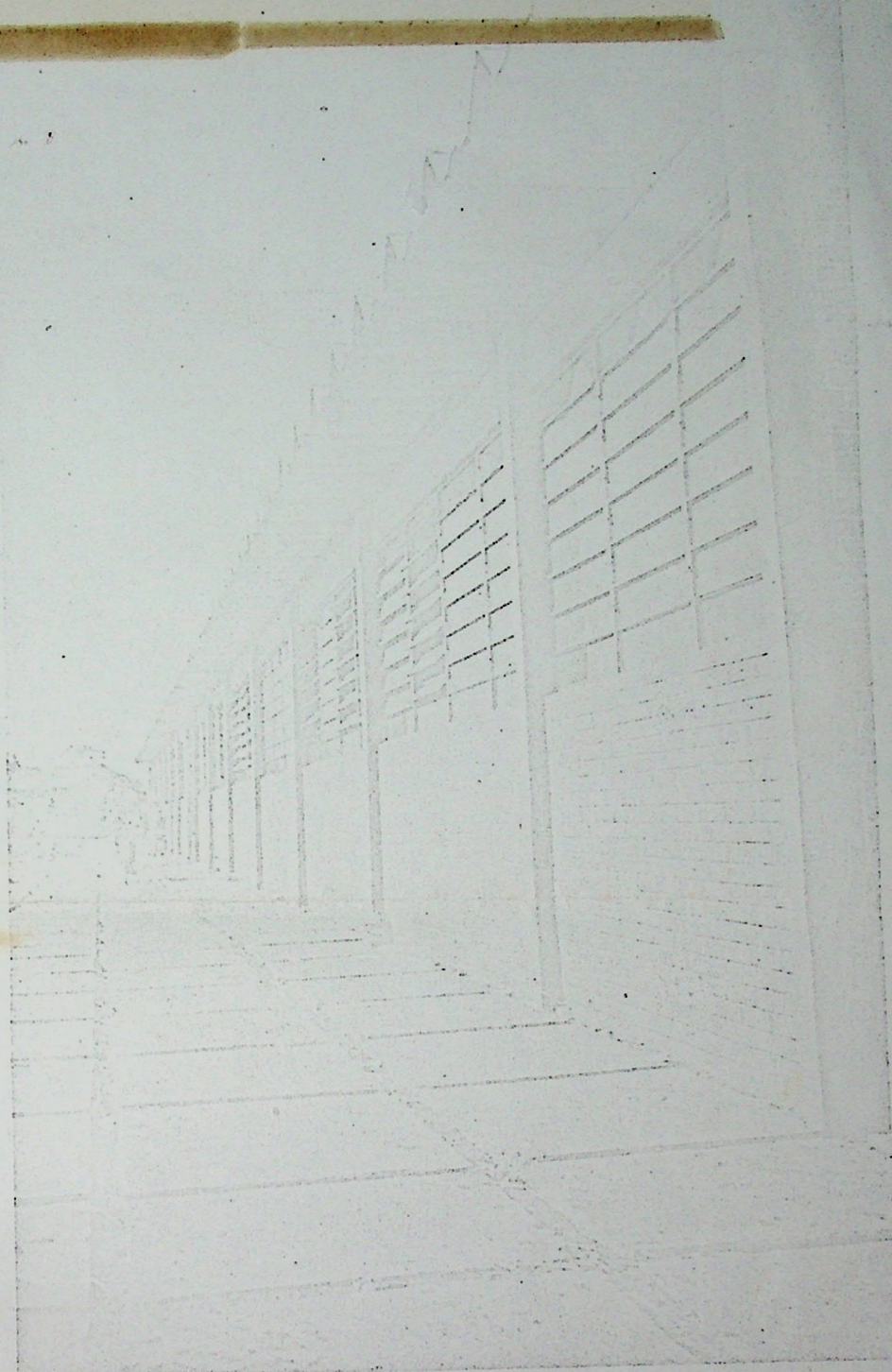
do, cujo talito era inconfundível, mas pertencentes a viúvas ou pessoas de partes opacadas e que ele aplicava para que pudessem auferir das mesmas melhor renda. Em outra oportunidade relatam que, atendendo a um cliente, vítima de execução cambial, fundada em títulos falsos, lançou-se à defesa, fremente de indignação contra a insidiosa manobra, não hesitando em oferecer à padeira inevitável o imóvel de sua residência, única propriedade que possuía na ocasião. Quando do acerto dos honorários, julgados excessivamente módicos pelo cliente, retrucou com vivacidade: — pois como iria cobrar mais se você já teve tanto prejuízo com aqueles falsários? Em certa campanha política, em Piracicaba, atracou-se em luta corporal com um adversário que recebeu alguns ferimentos. Processado, foi submetido a julgamento pelo Tribunal do Juri local. Na ocasião recebeu manifestação de amigos e correligionários que introduziram no recinto uma confortável poltrona para que nela se sentasse. Repeleu indignado a oferta, exclamando: — excitado, como era de seu feitio, que se sentaria no banco dos réus como acontecia com todos os outros. Releia notar que nessa ocasião era deputado, tendo exigido de seus pares a licença para que pudesse ser processado. Decorridos muitos anos destes fatos, encontrou-se com um jovem de seus 15 a 16 anos que lhe trazia do cartório uma escritura para assinar; perguntou-lhe como se chamava. Pela resposta verificou que o jovem era filho daquele seu adversário de outras épocas e compreendeu o explicável acanhamento do rapaz. Imediatamente, em tom afetoso, exclamou: "Você sabe que tive uma briga com seu Pai. Pois fique sabendo que o foi por questões políticas mas que sempre o considerei um homem de bem e que naquela ocasião se portou com grande valentia. Você só tem motivos para se orgulhar dele". Assim era o seu temperamento, impetuoso mas justo. Não guardava rancor e não tinha hesitação em voltar atrás quando se convenciera de que a razão estava com o outro lado.

Era muito loquaz e apreciado contador de casos em que punha inimitável verve caipira, deliciando os que o ouviam. Nas discussões e nos debates era acalorado e como não existiam amplificadores, sua voz se sobressaía na hora dos apartes e do vozorio, valendo-lhe o apelido de "Nhônô Trovoada", que aceitava com bonomia. Certa feita, quando realizava conferência política em cidade das vizinhanças, as primeiras frases, gritou um assistente do fundo do teatro: "Ai Nhônô Trovoada!" Voltou-se para a mesa dirigente dos trabalhos e, com a mão sobre a boca, disse baixinho: "Este danado pé de Piracicaba!" imediatamente estourou estrondosa gargalhada da assistência, pois o "segrêdo" fora ouvido até a última fila.

Era contêmpneo e admirador do famoso desbravador de sertões major Tonico Barbosa Ferraz, que deixara Piracicaba para abrir fazenda nos sertões do Oeste, Ribesão Preto. Anos depois deixava aquela zona e vinha abrir a conhecida fazenda Agua do Bugre, próxima de Cambará, organizando a Cia. Agrícola Barbosa Ferraz, onde plantou um milhão de cafeeiros que flegam famosos na história da cafeicultura paranaense. Ali esteve Antonio de Moraes Barros por diversas vezes, cagando macucos e queixadas na famosa cova da fazenda, em local por onde passa hoje a Rodovia Melo Paixoto. Data dessa época seu entusiasmo pela terra roxa do Paraná, cujas qualidades nun-

do, cujo talito era inconfundível, mas pertencentes a viúvas ou pessoas de partes opacadas e que ele aplicava para que pudessem auferir das mesmas melhor renda. Em outra oportunidade relatam que, atendendo a um cliente, vítima de execução cambial, fundada em títulos falsos, lançou-se à defesa, fremente de indignação contra a insidiosa manobra, não hesitando em oferecer à padeira inevitável o imóvel de sua residência, única propriedade que possuía na ocasião. Quando do acerto dos honorários, julgados excessivamente módicos pelo cliente, retrucou com vivacidade: — pois como iria cobrar mais se você já teve tanto prejuízo com aqueles falsários? Em certa campanha política, em Piracicaba, atracou-se em luta corporal com um adversário que recebeu alguns ferimentos. Processado, foi submetido a julgamento pelo Tribunal do Juri local. Na ocasião recebeu manifestação de amigos e correligionários que introduziram no recinto uma confortável poltrona para que nela se sentasse. Repeleu indignado a oferta, exclamando: — excitado, como era de seu feitio, que se sentaria no banco dos réus como acontecia com todos os outros. Releia notar que nessa ocasião era deputado, tendo exigido de seus pares a licença para que pudesse ser processado. Decorridos muitos anos destes fatos, encontrou-se com um jovem de seus 15 a 16 anos que lhe trazia do cartório uma escritura para assinar; perguntou-lhe como se chamava. Pela resposta verificou que o jovem era filho daquele seu adversário de outras épocas e compreendeu o explicável acanhamento do rapaz. Imediatamente, em tom afetoso, exclamou: "Você sabe que tive uma briga com seu Pai. Pois fique sabendo que o foi por questões políticas mas que sempre o considerei um homem de bem e que naquela ocasião se portou com grande valentia. Você só tem motivos para se orgulhar dele". Assim era o seu temperamento, impetuoso mas justo. Não guardava rancor e não tinha hesitação em voltar atrás quando se convenciera de que a razão estava com o outro lado.

Era muito loquaz e apreciado contador de casos em que punha inimitável verve caipira, deliciando os que o ouviam. Nas discussões e nos debates era acalorado e como não existiam amplificadores, sua voz se sobressaía na hora dos apartes e do vozorio, valendo-lhe o apelido de "Nhônô Trovoada", que aceitava com bonomia. Certa feita, quando realizava conferência política em cidade das vizinhanças, as primeiras frases, gritou um assistente do fundo do teatro: "Ai Nhônô Trovoada!" Voltou-se para a mesa dirigente dos trabalhos e, com a mão sobre a boca, disse baixinho: "Este danado pé de Piracicaba!" imediatamente estourou estrondosa gargalhada da assistência, pois o "segrêdo" fora ouvido até a última fila.



Londrina deu, postumamente, o título de "Cidadão Honorário" a Antonio de Moraes Barros e homenageou-o dando seu nome a um estabelecimento de ensino

na Noroeste do Estado de São Paulo, onde abriram grande fazenda que atingiu, mais tarde, a um milhão de cafeeiros. Adorava a vida rústica dos acampamentos, onde, tomado de verdadeira euforia, dava largas a seu espírito galhofeiro, contando casos e histórias sempre verdadeiras, ilustradas por verve inimitável. Comprazia-se no convívio com os simples mateiros cuja linguagem pitoresca apreciava e sabia corresponder-lhes como se fôsse um deles. Era, pois, um autêntico caipira da velha cêpa bandeirante, e por isso mesmo tocado do impulso pioneiro que o impeliu, incansavelmente, ao estudo dos problemas jurídicos que resultou na maior obra de pioneirismo que se conhece em nossos dias. Em sua casa debatia com a esposa e filhos todos os assuntos e problemas de que se ocupava, em ambiente de verdadeira camarada-

gem. Aceitava críticas e argumentos contrários, dando a todos completa liberdade na sustentação de seus pontos de vista. Foi a um tempo mestre, amigo e companheiro dos filhos. Espôso exemplar fez de seu lar o recanto apertado que atraía legião de amigos e parentes. Ali encontrava ao lado de sua esposa dedicadíssima, toda a felicidade que almejava para a sua existência de homem modesto e dasambicioso.

O falecimento de Dna. Isaura, acometida há algum tempo de moléstia cardíaca, apanhou-o desprevenido. Não admitia a vida sem a companheira de sua eleição. Acabrunhado e triste, perdeu o prazer de viver e quatro anos depois, faleceu repentinamente, como alguém que já não era desta vida, que tanto amara, mas que agora não mais lhe apetecia.